

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

JONATHAN PABLO GUERRERO

PROJETO ESCULTÓRICO TAÇAS DO ZODÍACO

BELO HORIZONTE

2019

JONATHAN GUERRERO

PROJETO ESCULTÓRICO TAÇAS DO ZODÍACO

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado a banca examinadora da
Universidade Federal de Minas Gerais para a
obtenção do grau de bacharel em Artes
Visuais, Habilitação Escultura, sob a
orientação do Prof. João Cristeli.

BELO HORIZONTE

2019

RESUMO

O trabalho é um relato e reflexão do processo de criação de taças modeladas com figuras dos signos do zodíaco, as peças foram desenvolvidas durante os ateliês de escultura em material cerâmico e o processo buscou investigar e experimentar os métodos de criação e reprodução das peças, como também a sua viabilidade para uma produção em série.

O interesse pelo tema, somado à uma atração pela anatomia animal e ao fascínio pelas criaturas místicas e mitológicas, tem despertado um crescente interesse pelo tema astrológico. O trabalho procurou pesquisar e refletir sobre alguns aspectos do misticismo e da imaginação coletiva, que gira em torno da representação dos signos zodiacais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1	5
ASTROLOGIA	5
CAPÍTULO 2	8
ZODIACO	8
CAPÍTULO 3	12
REALIZAÇÃO	12
DESAFIOS.....	15
CAPÍTULO 4	17
REFLEXÃO	17
REFERÊNCIAS.....	19

INTRODUÇÃO

No decorrer do trabalho detalharei o processo de criação das peças de cerâmica, fazendo uma relação com a pesquisa desenvolvida sobre os símbolos e significados que podemos encontrar referentes ao zodíaco.

O trabalho está dividido em 3 partes, a primeira parte é um relato do que me levou a realizar este projeto, ou seja, o tema dos signos zodiacais e sua influência direta na produção das peças, assim como a escolha pelo material utilizado. Relato também a importância que teve os rabiscos nos primeiros processos de criação, a enquete e a experimentação no desenvolvimento visual realizado para chegar ao protótipo ideal.

A segunda parte trata do desenvolvimento das taças e a criação de um protótipo para a construção do molde e sua reprodução. Aqui relato os processos de experimentação com o material cerâmico, a modelagem, as influências imagéticas, a anatomia animal e simbologia astral, assim como a importância das figuras de animais em distintos momentos históricos.

Na terceira parte realizo a conclusão do trabalho, trazendo uma reflexão sobre os elementos culturais e a apropriação cultural da astrologia para a cultura pop no contexto atual da astrologia e figuras mitológicas.

CAPÍTULO 1

ASTROLOGIA

Desde pequeno sinto-me atraído às figuras de animais e a suas representações, não sabendo exatamente da onde vinha essa afeição por figuras antropomórficas como o Minotauro ou o centauro, acreditava ser simplesmente um atrativo pela sua forma e seu misticismo, nunca parei para pensar que poderia chegar a ter uma relação inconsciente com meu mapa astrológico, ao descobrir anos depois, que ambos, tanto touro como sagitário (representados pelo Minotauro e centauro respectivamente) são os mais influentes no meu mapa . E que não é à toa que esses animais são considerados signos e tem um espaço nas estrelas.

Para algumas culturas antigas como os Gregos, essas figuras recarregavam um significado religioso, espiritual e cultural; por exemplo, o mito do Minotauro faz uma alusão direta as características que a Astrologia coloca para os regentes do signo taurino. Assim como Kathleen Burt fala no seu livro *Arquétipos do Zodíaco*, na mitologia Egípcia e Indiana, a representação do Touro estava diretamente ligado ao animal que montava a deusa lua e significava uma época de fertilidade para a terra, chegando a se terem muitos sacrifícios do animal com esse propósito.

Ao analisar a presença abundante de animais em várias formas de representação, para Juliana Copetti Hichman (2013) é pertinente considerar a relação do ser humano com eles e seus possíveis significados históricos.

O temático animal costuma operar como um símbolo da natureza primitiva e instintiva do homem. Os animais são representações de deuses, como o hindu Ganesha com cabeça de elefante, os egípcios Hathor e Amon com cabeça de vaca e carneiro respectivamente; ou símbolos sagrados como o peixe ou cordeiro se referindo a Jesus no cristianismo. (HICKMANN, 2013, p.132)

Da mesma forma os animais eram vistos pelas culturas antigas e tradicionais como seres muito próximos ao homem, de forma que, para Juliana Hichman, “fazia sentido eles serem incorporados como mostras da peculiaridade humana”. Independentemente da natureza de suas representações, o interesse desmedido do ser humano nas espécies não humanas fez com que os animais fossem tema para inúmeras obras de arte e visualidades ao longo da história.

Mas por que a astrologia? E por que ela tem presenciado tal renovação da popularidade nos últimos anos? Parte da resposta está na grande riqueza que essas narrativas possuem e as formas com que elas foram representadas, que tem

provocado uma apropriação dos mitos de outras culturas ao longo dos anos, trazendo-as para o cinema, os quadrinhos, animações e cultura pop em geral.

Em qualquer cultura, o mito sempre atua como uma força vitalizante porque mostra o relacionamento do homem com uma realidade maior, mais universal. As pessoas sempre tiveram necessidade de um modelo para servir de guia às suas vidas coletivas e para dar significado à sua experiência individual. Neste sentido, a astrologia contém toda uma estrutura mitológica. (ARROYO, 1975, p.15)

Os estudos em mitologia de Joseph Campbell (1904-1987), considerado um dos maiores especialistas em mitos do mundo; ajudaram diretamente a George Lucas criar todo seu universo imaginário e mitológico para a primeira trilogia das *Guerras das Galáxias* (Star Wars, 1977-1983) uma das maiores franquias de cinema do século que ainda hoje se fazem filmes dessa saga, muitas gerações compartilharão seu imaginário coletivo em torno dela.

E é precisamente nessa época de mitos surgindo em todo canto na literatura e no cinema como o *Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, magia, vampiros, sereias e lobisomens; que a Astrologia, igual à ave fênix, ressurgiu das cinzas no século XX. Esse retorno coincide com sua presença cada vez mais forte na mídia. Como escreve Ana Cristina Vidal em *A presença da Astrologia nos meios de comunicação*.

No início do século XX, na Europa, a Astrologia sai dos cenáculos dos crepúsculos e da porta fechada dos consultórios, para estar presente na grande imprensa. Com isso, surge uma Astrologia de massa e, com ela, o horóscopo, que alcança a grande imprensa. Desde então e cada vez mais, a Astrologia está fortemente presente na mídia. A grande maioria dos jornais, revistas e portais têm uma coluna astrológica.

Lastimosamente, o interesse atual da Astrologia para a mídia, é unicamente gerar audiência, podemos ver isso nos programas de televisão que tem alguma coluna astrológica, como também na cultura pop, principalmente originária nos Estados Unidos que se apropriou de muitos mitos e contos de outras culturas para construir sobre eles seus filmes mais famosos, como maior exemplo temos a gigante Disney e seus filmes de princesas baseadas nos contos dos irmãos Grimm, ou os super-heróis da Marvel com deuses mitológicos Nórdicos e Gregos, como também recentemente a Pixar ganhou o Oscar de melhor filme de animação por um filme que aborda a mitologia espiritual Mexicana *Coco*, 2017 (*Viva: A Vida é uma Festa*, na tradução em português).

Como podemos perceber mitologia vende, mas não qualquer mitologia, mais especificamente aquela que é apropriada culturalmente e produzida por EUA. Para Felipe Araújo, redator do site *infoescola.com*, o fator fundamental para que a cultura dos EUA se imponha sobre as outras é o seu grande poder de desenvolvimento econômico, o maior em escala global. “Um bom exemplo são os canais televisivos.

Uma vez que as redes de televisão do país têm transmissões para o mundo inteiro, conceitos, valores e manifestações culturais ganham mais notoriedade”.

Para Pierre Bourdieu (1996, p. 38), “a televisão não é muito propícia à expressão do pensamento”. Para ele, há um contraponto entre urgência e pensamento e, apoiando-se no pensamento de Platão, afirma que, “na urgência, não se pode pensar”. (VIDAL, 2015)

CAPÍTULO 2

ZODIACO



Foto Jonathan Guerrero, 2019

Uma das primeiras ideias que deram início ao projeto, foi este trabalho com massinha de modelar em qual coloquei o rosto do carneiro sobre uma caneca de cerâmica (como se mostra na imagem), com detalhes do seu elemento. A partir de aí surgiu a ideia de trabalhar com material cerâmico.

A cerâmica esteve presente em diversas civilizações da antiguidade, e seu surgimento foi um marco importante tecnológico para a cultura de diferentes povos.

Do grego kéramos (terra queimada ou argila queimada), possui grande resistência e frequentemente é encontrada em escavações arqueológicas. De todos os objetos encontrados que podem nós contar sobre a cultura e história da própria civilização, as peças de cerâmica são em muitos casos, os únicos elementos sobre os quais podemos reconstruir os hábitos, a religião e até as migrações de povos já desaparecidos.

A arte da cerâmica prosperou entre quase todos os povos, refletindo nas formas e nas cores o ambiente e a cultura em que viveram. Segundo a ANFACER (Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica), nas primeiras peças decoradas, os motivos artísticos eram geralmente o dia a dia das comunidades: a caça, alimentação, os animais, a luta etc. Pesquisas apontam que a cerâmica é produzida há cerca de 10 a 15 mil anos.

Somos o que foram os nossos mais distantes antepassados. Por mais remotas—no tempo e na geografia—que estejam de nós as civilizações clássicas, algo de cada uma delas está presente em nosso existir. (GUY, Jhon. Grandes Civilizações, 2005)

A argila foi escolhida como matéria prima para desenvolvimento deste projeto, justamente pela sua materialidade flexível, macia e maleável. Procurando com o material uma estética uniforme, elegante e simples.

Fazendo uma citação do filósofo e físico L.L.Whyte (1954) “O princípio estético e científico mais profundo reside numa tendência para a simplicidade, a ordem, a elegância, a forma”.

Com propósito de fazer uma série de taças escultóricas dos signos zodiacais, busquei utilizar a tradição da cerâmica das manufaturas que tem a produção de objeto utilitário, ao mesmo tempo que artístico e significativo.

Uma das coisas que me dava mais curiosidade do projeto, era tentar descobrir o interesse do público nesta primeira parte do processo. O quanto lês interessava obter uma caneca como essa? Qual formato de caneca devia ser feito? Como eles enxergavam a astrologia? Se identificam com a representação imagética do seu signo? Chegariam usar a caneca como objeto utilitário?

Para conseguir responder essas perguntas criei uma enquete que foi espalhada via redes sociais a familiares, amigos e conhecidos. Me intrigava saber se diferentes pessoas de diferentes lugares conseguiriam me dar uma resposta similar, seus inconscientes se encontrariam interligados por referências imagéticas culturais similares? Para Luc Benoist (1975) “Nada pode ser compreendido por nós sem que nos leve a uma das nossas recordações”. No seu livro “*Signos, Símbolos e mitos*” ele cita:

Nada podemos admitir sem que possamos aproximá-lo de um precedente conservado em nossa memória. “Nosso conhecimento depende de uma reminiscência” diz Platão. “Só se vê aquilo que se conhece” falava Goethe e “não podemos admitir a existência de uma coisa, se não lhe pudermos dar uma significação” dizia Cassirer. (BENOIST, 1975, p. 17)

A partir desses pensamentos e fazendo uso da enquete realizada, foi escolhido o formato da caneca, perguntei qual seria o design mais atraente? E das 12 opções apresentadas, duas delas arrecadaram a maioria dos votos, resolvi então, fazer uma fusão desses dois designs que logo viriam servir como modelo de taça que se usaria como base.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

No transcorrer do projeto acabei adicionando a forma do animal inteiro, como se estivesse atravessando a caneca, mostrando toda sua anatomia em detalhes. Representando-os igual os antigos Egípcios o faziam, como deuses!

Falando um pouco sobre os aspectos iconográficos da representação animal e o significado que a elas se dá; As figuras têm uma apropriação de diferentes culturas, como, por exemplo, começando com o primeiro signo do zodíaco ocidental, Aries; o Carneiro.

O carneiro é uma das figuras muito presentes nas civilizações antigas do Egito, da Grécia e da Índia. É o símbolo do masculino, do fogo e da força animal, criadora e destruidora do ser humano e do mundo, o carneiro é uma representação cósmica do impulso primário de vida. Símbolo que está presente em muitos dos mitos da antiguidade.



Imagem retirada de: fascinioegito.sh06.com



Imagem retirada de: fascinioegito.sh06.com

No site fascinioegito.sh06.com podemos encontrar informação sobre Egito antigo e a simbologia do carneiro está no deus do sol Rá, pai dos deuses que regula a fecundidade e carrega os pecados dos homens, associado ao do deus oleiro Khnum, o modelador, que formava no seu torno a carne e alma dos humanos. Estes cultos justificam a existência de numerosos carneiros mumificados no antigo Egito, encontrados em escavações.

Acrescentando a essa informação no site infopedia.pt se comenta que esta simbologia do carneiro, foi transportada para o deus romano Júpiter, que é representado com uma cabeça de carneiro, e para Hermes Crióforo na Grécia, que transporta um carneiro sobre os ombros; escultura que representa como o signo de Aries precisa da ajuda do deus da comunicação e sabedoria, para apaziguar seus instintos impulsivos. Na cristandade, o carneiro é também uma manifestação do cordeiro de Deus, que livra os homens dos pecados.

No livro *Arquétipos do Zodíaco*, Kathleen Burt (1988) faz menção a era do Carneiro regido pelo planeta Marte, deus da guerra na Grécia antiga, heróis de Medusa, protetora de Atena, destruíram suas máscaras rituais, quebraram as estátuas

e expulsaram as sacerdotisas, substituindo-as por sacerdotes. Tiveram sucesso em dar fim aos sacrifícios rituais de jovens príncipes, pela substituição do príncipe por uma ovelha ou cordeiro sacrificial, deram proteção à instituição da realeza. O patriarcado substituiu o Direito Materno no final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro.

A Era de Áries, então, provocou uma mudança dramática no simbolismo, uma alteração do lunar (feminino) para o solar (masculino). O período ariano caracterizou-se por uma atividade heroica violenta, de feitos e proezas arrojados. Todos os anos experimentamos um pouco da energia da Era de Áries na época do equinócio da primavera, quando esta irrompe em todos os lugares. Na zona temperada, emergimos da melancolia do final de Peixes e celebramos então o Ano Novo Astrológico próximo a 21 de março. Temos a impressão de que, após o longo inverno, a natureza de repente se torna selvagem. (BURT, 1988, p. 24)

Associado ao planeta Marte e ao sol no Zodíaco, o carneiro como primeiro signo do zodíaco, representa o fogo inicial e a energia criadora na sua forma mais elementar e pura. Segundo Kathleen Burt (1988) é um signo masculino e positivo, viril e vital, de impulsos puros e primários, que correspondem a uma natureza poderosa e precipitada, tumultuosa e compulsiva, que quer viver cada momento de forma desenfreada, seguindo os instintos e as emoções mais fortes.

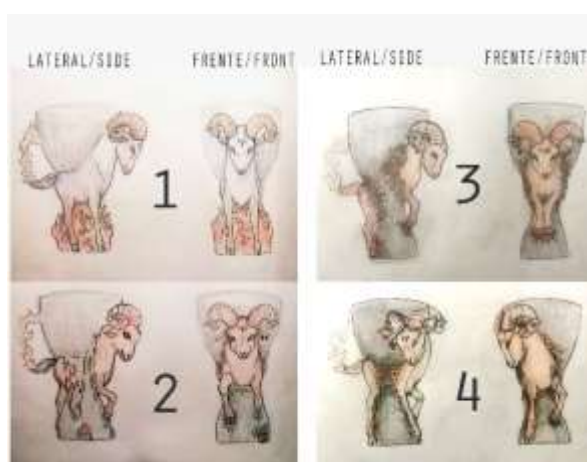


Foto Jonathan Guerrero, 2019

Essas pesquisas e leituras sobre iconografia e astrologia me serviram de inspiração para conseguir construir uma imagem que pudesse dar representação a simbologia do carneiro, fazendo uso dos “arquetípos” de Aries para trabalhar o design da caneca. Tal como Carl G. Jung descreve o significado de arquétipo como “...um padrão instintivo de comportamento que existe no inconsciente coletivo”. Levei assim quatro opções de design do carneiro para as redes sociais procurando que as pessoas escolhessem a figura mais atraente e uma vez decidido o design da primeira caneca, o próximo passo seria a produção dela.

CAPÍTULO 3

REALIZAÇÃO

Para conseguir um padrão de caneca com as mesmas dimensões e tamanhos, se pensou em realizar um molde em qual se pudesse agilizar a produção da forma base da caneca. Esse molde deveria ser de gesso, já que é o material que permite a solidificação de argila líquida (barbotina). Para chegar a esse molde de gesso se precisava ter uma forma de referência, sendo assim, o primeiro passo foi construir essa forma base ou protótipo, e o material usado foi a madeira, que passou a talhar lá no torno para modelar sua forma.



Foto Jonathan Guerrero, 2019

No torno de madeira fazendo uso das ferramentas de modelagem damos forma a madeira. É um processo cuidadoso quando não se tem muita experiência nele, no meu caso era a primeira vez que realizava todos os processos que detalho neste trabalho, fui aprendendo enquanto fazia. Uma vez pronto o protótipo em madeira se passaria a construir o molde de gesso, colocando o mesmo numa caixa de madeira, cobrindo a metade da forma com argila e derramando sobre ela o gesso, uma vez seca, viramos a caixa retiramos a base e a argila que agora está por cima, para derramar mais uma vez o gesso e completar as duas partes do molde.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

Com as duas partes do molde prontas, o seguinte passo seria apenas preparar a barbotina (argila líquida), que se realiza quebrando argila já totalmente seca em pedaços pequenos, deixando decantar em um balde de água e misturar com uma

colher de silicato para depois peneirar e tirar o máximo de resíduos, teremos pronta a barbotina.

Derramando a barbotina no molde de gesso deixando secar até a borda endurecer para depois retirar a barbotina em excesso, deixamos secar por umas horas e teremos como resultado a primeira forma da caneca em argila.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

Com a forma pronta passaríamos a modelar a figura do zodíaco manualmente usando argila e ferramentas de modelagem para se ajudar. As imagens de referência anatômicas e os desenhos iniciais irão ser de muita ajuda para construir a forma tridimensional, mas claro, algumas coisas poderão ser alteadas já que nem todo desenho bidimensional funciona na hora de passar ao tridimensional. Especialmente quando o objetivo é que a figura contorne o cilindro da caneca e converse com o objeto.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

Depois de submetida à secagem para retirar a maior parte da água, a peça moldada é colocada no forno a altas temperaturas (ao redor de 900 a 1.000° C), que lhe atribuem rigidez e resistência mediante a fusão de certos componentes da massa.

Depois de queimada a taça pode ser colorida, usando principalmente corantes dissolvidos em água e CMC para dar um efeito aquarelado. Finalizando a pintura passamos duas camadas de esmalte transparente em toda a peça que dará o brilho desejado.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

Levamos a caneca ao forno mais uma vez e quando for queimada numa temperatura baixa entre os 800 e 900 graus centígrados, o esmalte terá derretido e aderido à cerâmica, obtendo um visual bastante similar ao desejado (como mostra a imagem da direita).

A partir daí o processo se repete, desde a barbotina derramada no molde de gesso até a queima da cerâmica com corantes e esmaltes.

Cada taça tem sua individualidade, cada uma foi criada em base as leituras sobre o a figura zodiacal. Desde um começo se imaginou que a alça da taça seria formada com alguma parte do corpo ou objeto da própria figura, algumas levariam duas (ao ser representadas por dois corpos) e outras apenas uma.



Foto Jonathan Guerrero, 2019

DESAFIOS

A argila é um material que dependendo o ambiente pode secar muito rápido e enquanto se está trabalhando na modelagem é de suma importância ir umedecendo a peça constantemente, se ela secar muito antes de finalizar a modelagem pode dificultar o manuseio e corre o risco de quebrar várias partes da mesma.

Se bem que isso pode se resolver fazendo emendas na argila trabalhando com um pouco de água, pode até colar as partes quebradas de volta mas a mistura de argila seca com argila úmida não acostuma colar direito, o mais recomendável neste caso específico, é trabalhar com uma umidade homogenia na peça toda, e quando não se estiver trabalhando, deixar a peça em volta a um pano úmido e uma sacola plástica bem fechada, já que a argila precisa secar de vagarosamente, isso evitará rachaduras no momento da secagem ou até, inclusive depois da primeira queima.

Nas imagens abaixo podemos observar como se provocaram rachaduras e até quebraram algumas partes por não ter o cuidado suficiente no momento de secagem.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

No momento de pintura com esmaltes ou corantes, pessoalmente preferi trabalhar com corantes porque me permitiam uma melhor visualização na mistura das cores. O principal desafio nessa parte do processo, mesmo trabalhando com corantes é a incerteza de como ficará o resultado. O recomendável seria fazer um teste prévio de cores com um pedaço de cerâmica qualquer. Mesmo que cada queima seja única e o resultado não possa ser necessariamente igual, neste trabalho com cerâmica e esmaltes o que podemos esperar será uma surpresa.



Foto Jonathan Guerrero, 2019



Foto Jonathan Guerrero, 2019

Porém, mesmo que depois de queimada a peça em baixo vidrado não gostarmos no resultado, é possível ainda colorir por cima e levar ao forno mais duas vezes, o que pode fazer com que consigamos chegar a um resultado mais próximo do desejado, como também pode ser que se misture com as cores de baixo e nós surpreenda com outro resultado inesperado.



Foto Jonathan Guerrero, 2019

CAPÍTULO 4

REFLEXÃO

Quando realizei as enquetes para as pessoas responderem sobre seu interesse nas taças, aproveitei perguntando sobre seu conhecimento do mapa astral ou seu interesse no horóscopo, curiosamente as pessoas que olhavam o horóscopo de vez em quando, não sabiam o que é mapa astral; e vice-versa, quem conhece seu mapa astral não acompanha o horóscopo. Esse dado curioso me fez perceber que apesar de estarmos rodeados de informação sobre signos, horoscopo e Astrologia por causa da cultura pop, não sabemos nada do que isso pode significar, do papel real que astrologia pode trazer para nosso próprio conhecimento e entendimento de nós mesmos.

Um dos propósitos principais com este projeto foi de produzir um objeto que possa ser utilitário, algo que podamos observá-lo no dia a dia e possa nos lembrar de nossas qualidades, aquelas coisas boas que estão representadas no nosso signo, procurando religarmos com esse nosso "Deus interno" (aceito ou não), mesmo que nos identifiquemos com ele ou não, ou mesmo que sejamos céticos com estes temas, somos filhos do cosmos, dele viemos e pra ele partiremos.

Se terei algum dia conseguido esse propósito com este trabalho, apenas o tempo dirá, e as pessoas que algum dia adquiriram este trabalho e levaram consigo uma taça do signo zodiacal, poderão me dar esse retorno.

Depois de toda essa pesquisa sobre signos e Astrologia percebi, que ainda assim, em pleno ano 2019 mantemos, não unicamente em nossos inconscientes, mas também nos livros de estudos sobre Astrologia, a herança de pensamentos culturais e mitológicos que não pertenciam aos nossos antepassados mais próximos. A cosmovisão pelos conquistadores europeus (eurocêntrico, greco-latino, judeu-cristão, liberal e positivista) foi imposta à cosmovisão original dos povos indígenas.

Quando se fala de “cosmovisão” dos povos originários ou indígenas, refere-se a sua visão do mundo, entretanto, esquece-se que em nossas sociedades há uma cosmovisão dominante que favorece certas classes sociais e que geralmente é chamada de “visão ocidental” mas isso, referindo-se a ela em termos genéricos, perde de vista seu caráter de classe. (BARRIENTOS ARAGON, Carlos. 2011)

De acordo com Carlos Barrientos, diante dessa cosmovisão dominante, uma outra visão de mundo foi negada, relegada e subestimada; “É a cosmovisão dos povos indígenas que explica o mundo, a realidade e o meio ambiente com base na compreensão de que existe uma relação permanente entre as coletividades humanas, o entorno em que habitam e o cosmos, e cada aspecto dessa relação outorga-lhes

um significado particular e coloca-o permanentemente na dualidade do espaço e do tempo.

Quase todas as culturas que conhecemos tiveram uma forma ou outra de astrologia; e não se pode atribuir isto ao fato de faltar a elas o “esclarecimento” moderno, mas antes ao seu senso imediato de unidade com o meio ambiente cósmico. (ARROYO, 1975)

Para os povos originários da América latina e da América em geral, qual era sua percepção astrológica das coisas? eles viam da mesma forma para os signos? Tinham signos? e quais eram as representações animais?. Sabemos que para outras culturas como a China o Zodíaco tem diferentes animais e o ano começa em uma data diferente da ocidental. Poderiam então, nossos antepassados mais próximos ter uma representação diferente e um jeito específico de ler as mensagens que o céu nos transmitia?

Essas perguntas, abrem uma imensa possibilidade para poder continuar este projeto, trabalhando com as representações figurativas das diferentes culturas, e as diferentes crenças e deuses que se tiveram ao longo da existência como humanidade.

A mais bela e mais profunda emoção que podemos experimentar é a sensação do místico. Ela é a força de toda ciência verdadeira. Tomar conhecimento de que aquilo que é impenetrável para nós existe realmente, manifestando-se como a mais elevada sabedoria e como a mais radiante beleza que as nossas faculdades obtusas só podem compreender em suas formas mais primitivas—esse conhecimento, esta sensação está no âmago da verdadeira religiosidade. (Albert Einstein, 1954)

REFERÊNCIAS

ANFACER, *História da cerâmica*: www.anfacer.org.br/historia-ceramica

[ARAÚJO](#), Felipe. *Americanização*:
<https://www.infoescola.com/cultura/americanizacao/>

ARROYO, Sthepen. *Astrologia, psicologia e os quatro elementos*. São Paulo: 1975

[BARRIENTOS ARAGON, Carlos](#). *Cosmovisión Dominante, Cosmovisión Indígena y Territorio*. <https://www.ritimo.org/Cosmovision-Dominante-Cosmovision-Indigena-y-Territorio>, 2011.

BENOIST, Luc. *Signos, Símbolos e mitos*. São Paulo: 1975

BONA, Rafael Jose; PERTUZZATTI, Leonardo Antonio. *Mitologia e cinema: a propagação dos mitos por meio da trilogia clássica Star Wars*. Curitiba: Dissertação 2010.

BURT, Kathleen. *Arquétipos do Zodíaco*. São Paulo: Pensamento, 1988.

Carneiro Simbologia: [https://www.infopedia.pt/\\$carneiro-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$carneiro-(simbologia))

COCO (*Viva: A Vida é uma Festa*) Direção: [Lee Unkrich](#) e [Adrian Molina](#). Estados Unidos: Produção Pixar Animation Studios: 2017

GUY, John. *Grandes Civilizações*. Lisboa: Dinalivro, 2005.

HICKMANN, Juliana Copetti. *Animais em arte e representação: dos retratos às instalações*. Santa Maria: Dissertação de Mestrado, 2013.

O Deus Khum, *criador da raça humana*
<https://www.fascinioegito.sh06.com/carneiro.htm>

STAR WARS – Episódio IV: uma nova esperança. Direção: George Lucas. Estados Unidos: Produção Lucasfilm:1977

VIDAL, Ana Cristina. *A presença da Astrologia nos meios de comunicação*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, 2015.